

INSTITUTO FEDERAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SÃO PAULO
CAMPUS BRAGANÇA PAULISTA (IFSP-BRA)

MARIANE GOMES DE LIMA

**QUE CONFUSÃO DA MULESTA!:
UM ESTUDO SOBRE MARCADORES
DE INTENSIDADE DO DIALETO NORDESTINO**

Bragança Paulista
2024

MARIANE GOMES DE LIMA

**QUE CONFUSÃO DA MULESTA!:
UM ESTUDO SOBRE MARCADORES
DE INTENSIDADE DO DIALETO NORDESTINO**

Relatório solicitado como parte dos requisitos para a apresentação de trabalho de pesquisa científica para a 14ª BRAGANTEC, realizada de 17 a 19 de outubro de 2024, no IFSP *campus* Bragança Paulista.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Prearo Lima

Bragança Paulista
2024

RESUMO

Este trabalho visa fazer um estudo sobre a construção e as origens de marcadores de intensidade usados no dialeto nordestino, tema justificado pela necessidade de preservação e de valorização da cultura e da identidade nordestinas. Nossa hipótese é a de que esses marcadores apresentam construções gramaticais e semânticas que refletem parte da história dos falantes desse dialeto. Assim, à luz dos estudos da Fraseologia, analisamos dez marcadores de intensidade a partir de 250 postagens encontradas na rede social X (antigo Twitter), descrevendo sua construção e investigando suas possíveis origens com base no acervo disponibilizado pela Hemeroteca Digital Brasileira, em cujos jornais dos séculos XIX e XX foi possível demonstrar o uso desses marcadores ao longo do tempo. Os resultados indicam a existência de três grupos distintos de marcadores quanto a suas origens: marcadores relacionados (1) a males da área da saúde; (2) ao contexto religioso cristão; e (3) a condições sociais. Além destes, um quarto grupo (“outros”) também foi necessário para classificar um dos marcadores. Por sua vez, quanto à construção, foi possível identificar que esses marcadores seguem dois padrões de sequência, a saber, (i) substantivo abstrato – marcador de intensidade; (ii) substantivo concreto – adjetivo – marcador de intensidade.

Palavras-chave: Fraseologia; dialeto nordestino; marcadores de intensidade.

ABSTRACT

This work aims to conduct a study on the construction and origins of intensity markers used in the Northeastern dialect of Brazil, a topic justified by the need for the preservation and appreciation of Northeastern culture and identity. Our hypothesis is that these markers present grammatical and semantic constructions that reflect part of the history of the speakers of this dialect. Thus, in light of Phraseology studies, we analyzed ten intensity markers from 250 posts found on the social network X (formerly Twitter), describing their construction and investigating their possible origins based on the collection provided by the *Hemeroteca Digital Brasileira*. Through the analysis of newspapers from the 19th and 20th centuries, we were able to demonstrate the use of these markers over time. The results indicate the existence of three distinct groups of markers in terms of their origins: markers related to (1) health issues; (2) the Christian religious context; and (3) social conditions. In addition to these, a fourth group ("others") was necessary to classify one of the markers. As for their construction, it was possible to identify that these markers follow two sequential patterns, namely, (i) abstract noun – intensity marker; (ii) concrete noun – adjective – intensity marker. Keywords:

Keywords: Phraseology; Northeastern dialect; intensity markers.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que, com Seu sopro divino, infundiu em mim o fôlego da vida, preenchendo meu ser de inspiração e de coragem, jamais permitindo que o desânimo me alcançasse.

Ao meu orientador e amigo, Prof. Dr. Rafael Prearo Lima, pela paciência, pelos conselhos valiosos e pelo conhecimento compartilhado ao longo desta jornada.

À Prof. Mirella Novais Oliveira, pela generosidade em cada ajuda e pelo carinho ao me orientar com os artigos e conselhos essenciais para o desenvolvimento deste projeto.

À minha irmã, Sanmara Lima, por estar sempre ao meu lado, me apoiando e acreditando em mim, independentemente das circunstâncias.

E a todas as pessoas que, de alguma maneira, contribuíram para a realização deste projeto.

Aos meus pais, Maria Célia e José, que, com seu amor profundo,
me revelaram tanto as dores quanto as belezas de ser nordestino,
desenhando em minha alma as paisagens das minhas raízes
e a força que nelas habita.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	OBJETIVOS	10
2.1	Objetivos gerais	10
2.2	Objetivos específicos	10
3	DESENVOLVIMENTO DO PROJETO	11
4	RESULTADOS	13
5	CONCLUSÃO	32
	REFERÊNCIAS	36

1 INTRODUÇÃO

As línguas não são estáticas, mas vivas, adaptando-se e modificando-se ao longo do tempo. Exemplos dessas mudanças estão registrados na obra *A Língua do Nordeste* (Marroquim, 1945), na qual são detalhadamente abordadas as transformações e os costumes linguísticos do dialeto nordestino, com foco nos estados de Alagoas e de Pernambuco. Ao examinar aspectos gramaticais, lexicais e da oralidade desse dialeto, o autor oferece uma análise das características linguísticas da região, adentrando as especificidades da língua falada e destacando suas peculiaridades linguísticas, as quais refletem a vasta diversidade cultural e a identidade histórica da região.

Atualmente, o dialeto nordestino, como acontece em todas as línguas e dialetos, segue passando por alterações, influenciado pelo tempo, contexto e região. Por esse motivo, é fundamental que esse dialeto seja estudado para que haja uma compreensão mais ampla tanto da língua portuguesa, quanto da forma como a sociedade se comunica. Entre as particularidades linguísticas desse dialeto está o uso de alguns marcadores de intensidade.

Marcadores de intensidade são palavras ou locuções que conferem ênfase ou intensidade a outras palavras, assemelhando-se aos advérbios. Na língua portuguesa, esses marcadores também são encontrados em locuções como “pra caramba”, que denota intensidade, conforme exemplificado na frase “Comi pra caramba.”, em que “pra caramba” é utilizado como um sinônimo do advérbio de intensidade “muito”. Porém, alguns marcadores de intensidade, diferentemente desses advérbios – que são usados para modificar o sentido de um verbo, de um adjetivo ou de outro advérbio –, também são usados para dar ênfase a substantivos, como na frase “Hoje está um calor do cão”, em que o marcador de intensidade “do cão” é usado para enfatizar o substantivo “calor”. Tais locuções são observadas no dialeto nordestino, o qual é o objeto de pesquisa deste projeto.

Com base nesses dados, este trabalho tem como objetivo identificar, categorizar e descrever a construção de alguns marcadores de intensidade utilizados no dialeto nordestino, analisando suas funções e significados, além de compreender como essas expressões surgiram e foram alteradas no contexto linguístico nordestino ao longo do tempo.

Compreender como os falantes nordestinos utilizam marcadores de intensidade de maneira distinta da língua portuguesa padrão nos auxilia na preservação e na valorização dessas peculiaridades, que podem se perder com o tempo. Visto que as línguas estão em constante mudança, estudar e documentar os marcadores de intensidade do dialeto nordestino nos permite entender como a língua portuguesa é adaptada a contextos regionais específicos.

Isso é importante porque muitas pessoas utilizam expressões sem conhecer sua origem ou o motivo de seu uso. Assim, este projeto é justificado por sua contribuição para a valorização da cultura e da identidade nordestina, promovendo um maior reconhecimento da riqueza e da diversidade linguístico-histórica dessa região e, conseqüentemente, do Brasil.

Assim, a partir deste trabalho, buscamos responder aos seguintes problemas de pesquisa: quais são alguns dos marcadores de intensidade usados no dialeto nordestino do português brasileiro? Como surgiram e como são usados pelos falantes desse dialeto?

Considerando os estudos da Fraseologia – ramo da Linguística dedicado ao estudo das expressões fixas e de seus significados, e que leva em conta certas construções da língua, como expressões idiomáticas, frases feitas e locuções –, nossa hipótese é a de que os marcadores de intensidade do dialeto nordestino apresentam construções gramaticais e semânticas únicas, refletindo a história de seus falantes. Além disso, acreditamos que esses marcadores surgiram de maneira distinta dos marcadores de outras variantes do português brasileiro, influenciados por fatores sociais, históricos e regionais específicos, hipótese esta que pretendemos responder por meio desta pesquisa.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

O objetivo geral deste projeto é fazer um estudo da origem e da construção de dez marcadores de intensidade usados no dialeto nordestino.

2.1 Objetivos específicos

Para alcançar este objetivo geral, estabelecemos os seguintes objetivos específicos: (i) compilar um *corpus* de análise dos marcadores de intensidade a partir de postagens da rede social X (antigo Twitter)¹; (ii) analisar e descrever a construção dos marcadores de intensidade, categorizando seus usos em grupos distintos; (iii) investigar a historicidade de cada marcador de intensidade.

¹ Convém destacar que a coleta de dados foi realizada previamente à determinação de bloqueio do X no Brasil, ocorrida em agosto de 2024.

3 DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

O projeto foi dividido em etapas distintas. Primeiramente, realizamos uma pesquisa teórica, cujas informações serviram de base para as análises. Em seguida, selecionamos os marcadores de intensidade para, na etapa seguinte, montarmos, a partir de postagens da rede social X, o *corpus* de pesquisa do trabalho. Na etapa seguinte, a partir da montagem do *corpus*, analisamos e categorizamos os marcadores de intensidade e, por fim, investigamos os aspectos históricos que marcam cada um dos marcadores analisados. A seguir, descrevemos de forma detalhada todas essas etapas desenvolvidas durante a pesquisa.

A fim de fundamentar esta pesquisa, realizamos um estudo sobre alguns princípios teóricos da Fraseologia, um dos ramos da Linguística. Diferentemente da Morfologia – dedicada ao estudo da estrutura, da formação e da flexão de palavras –, a Fraseologia considera como unidade de estudo os fraseologismos, ou unidades fraseológicas. De acordo com Silva (2006), enquanto as palavras contêm um único corpo, os fraseologismos são compostos por uma combinação fixa de duas ou mais palavras. Em conjunto, cada unidade fraseológica adquire um significado particular que difere do sentido literal de cada uma de suas partes, o que constitui para a língua portuguesa uma riqueza linguística – dado este que procuramos demonstrar ao analisarmos marcadores de intensidade do dialeto nordestino.

Silva (2006) também afirma que as unidades fraseológicas são (re)conhecidas pelos falantes de uma língua, sendo armazenadas em sua memória e repetidas na fala. Nesse sentido, entendemos que essa memória a qual Silva (2006) se refere funciona não apenas no nível do falante da língua, mas se estende à comunidade linguística em que ele se insere. Para Lima (2015), os fraseologismos são uma construção própria não apenas para o indivíduo, mas para o grupo onde ele se insere. Assim, apesar da diversidade de possibilidade de unidades fraseológicas e de seus usos, Bevilacqua (2004) afirma que os falantes nativos de uma língua sabem reconhecê-las e utilizá-las adequadamente. Tal posicionamento é corroborado por Mendes (2015), que explica que os falantes reconhecem tais construções e as utilizam como um fragmento pré-fabricado e disponível na língua.

Quanto aos usos, Bevilacqua (2004) explica que a Fraseologia abrange o estudo de unidades diversas, tais como provérbios, expressões idiomáticas, colocações e locuções – e entre as locuções, estão os marcadores de intensidade, estes considerados como sintagmas, os quais analisaremos neste trabalho. Ainda que tenham significado próprio, unidades fraseológicas formadas por sintagmas – como os marcadores de intensidade – não compõem

enunciados completos, conforme explica Silva (2006), mas são combinados com outros signos linguísticos para que tenham sentido completo.

A partir disso desses pressupostos teóricos, selecionamos um total de dez marcadores de intensidade utilizados no dialeto nordestino, selecionados a partir de conversas informais com diferentes pessoas nascidas na região Nordeste do Brasil, especificamente nos estados de Pernambuco, da Bahia e da Paraíba. São eles: “da bexiga”, “do cão”, “do diacho”, “da desgraça”, “da gota”, “de lascar”, “da miséria”, “da moléstia”, “da peste” e “da pleura”.

Em seguida, montamos um *corpus* de análise utilizando postagens da rede social X (antigo Twitter) com exemplos de uso dos marcadores selecionados. Para isso, usamos os marcadores de intensidade como palavra-chave no mecanismo de busca dessa rede social a fim de encontrarmos tais postagens. Ao todo selecionamos 250 exemplares nos quais fosse possível verificar o uso contextualizado desses marcadores.

A partir disso, realizamos uma análise dos dados coletados, descrevendo a construção dos marcadores de intensidade selecionados e categorizando-os de acordo com dois critérios: (1) sua construção gramatical; (2) suas possíveis origens.

Por fim, na última etapa, ainda em desenvolvimento, buscamos registros antigos dessas palavras a fim de verificar sua historicidade. Para isso, recorremos a jornais dos séculos XIX e XX encontrados no acervo da Hemeroteca Digital Brasileira, que é parte da Biblioteca Nacional, comparando os registros com o *corpus* coletado na rede social X, o que demonstrou a evolução desses marcadores ao longo dos anos. Assim, por meio do registro histórico encontrado em jornais, fizemos uma associação histórica para compreender melhor as origens de cada marcador de intensidade.

4 RESULTADOS

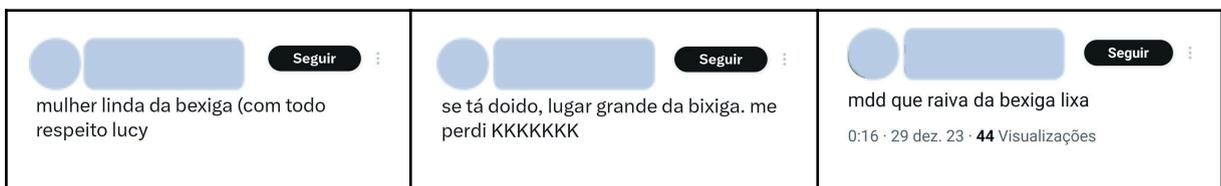
Para a exposição dos resultados da pesquisa, dividimos esta seção em três tópicos. No primeiro (4.1), analisamos o uso das unidades fraseológicas selecionadas, revisando seu emprego, em que contexto são utilizadas e suas variações. O objetivo é fornecer uma visão clara sobre a função de intensificador dos marcadores e identificar a conotação em que o marcador é empregado. Em seguida (4.2), explicamos a construção gramatical das unidades fraseológicas, verificando como os marcadores de intensidade são utilizados sob a perspectiva da Fraseologia, demonstrando as estruturas sintáticas e semânticas envolvidas. Por último (4.3), discutimos as possíveis origens dos marcadores de intensidade. Detalhamos, para isso, sua evolução ao longo dos anos, começando a partir do século XIX, buscando expor em que contextos históricos e culturais essas unidades fraseológicas estavam inseridas.

4.1 Análise de usos

4.1.1 *Da bexiga*

O primeiro marcador de intensidade que analisaremos é “da bexiga”.

Figura 1: Da bexiga.



Fonte: <https://X.com> Acesso em: 8 mar. 2024.

Na primeira postagem, o marcador “da bexiga” é utilizado para destacar a beleza de uma mulher. Este marcador é empregado de maneira positiva, uma vez que é utilizado para destacar uma qualidade admirável. Na segunda, a palavra "da bixiga" é empregada para enfatizar a grande dimensão do local onde o autor se encontra. O uso, nesse caso, aponta para um sentido negativo, a saber, o local é tão grande que faz com que alguém se perca. Na última postagem, o termo “da bexiga lixa” é utilizado para evidenciar a intensa raiva que o autor está sentindo. Neste contexto, a expressão é empregada para descrever um sentimento negativo.

A partir desses três casos, notamos que há variações em “da bexiga”, que também pode ser encontrada como “da bixiga” ou ainda “da bexiga lixa”.

4.1.2 Do cão

Em seguida, analisaremos o marcador de intensidade “do cão”.

Figura 2: Do cão.



Fonte: <https://X.com> Acesso em: 13 mar. 2024.

Na postagem à esquerda, o marcador de intensidade “do cão” é usado para expressar a opinião do autor de que uma matéria (neste caso, a Fenomenologia, que trata da descrição filosófica de como fenômenos se apresentam à consciência) é extremamente chata. Por sua vez, na postagem à direita, o usuário da rede X usa “do cão” para se referir à dor de cabeça, indicando que a dor que sente é tão intensa ao ponto de dizer “não aguento mais”.

Em ambos os casos, “do cão” é usado para atribuir um sentido negativo àquilo que se refere (respectivamente, à matéria chata e à dor de cabeça).

4.1.3 Do diacho

Analisamos, a seguir, o marcador de intensidade “do diacho”.

Figura 3: Do diacho.



Fonte: <https://X.com> Acesso em: 13 mar. 2024.

Na postagem à esquerda, o autor afirma que ninguém é forte o suficiente para “tankar” – gíria usada no sentido de “suportar” ou “aguentar” – a temperatura elevada. Nesse caso, “do diacho” é utilizado como marcador de intensidade para o substantivo “calor”, expressando, assim, a ideia de que o calor era muito intenso, em excesso. Por sua vez, na postagem à direita, o autor usa “do diacho” para expressar sua opinião sobre um determinado filme, considerando-o como ruim demais, péssimo. Assim, em ambos os casos “do diacho” tem uma conotação negativa.

A partir dessas postagens, podemos perceber que há dois diferentes registros dessa unidade fraseológica. “Do diacho” segue a grafia dicionarizada de “diacho”²; por sua vez, em “do diaxo”, há um desvio da grafia dicionarizada, com a troca de -ch por -x para representar o som /ʃ/.

4.1.4 Da desgraça

A seguir, analisamos o marcador de intensidade “da desgraça” e suas variações.

Figura 4: Da desgraça.



Fonte: <https://X.com> Acesso em: 13 mar. 2024.

Na primeira postagem, a expressão "da desgraça" é utilizada para destacar a má qualidade de uma mulher, associando-a à chatice. Já na segunda postagem, o autor afirma que está com muito sono, a unidade fraseológica "da disgraça" é empregada para enfatizar o intenso cansaço que ele sente. Na postagem à esquerda, o autor expressa que está muito sozinho, utilizando a unidade fraseológica “da disgrama” para enfatizar que a solidão que sente é intensa, extrema. Na postagem à direita, o marcador “da desgrama” é utilizado pelo usuário da rede X para expressar sua opinião de que a voz de certa pessoa é extremamente bonita. Em três casos, o termo foi utilizado para apontar um sentimento negativo, enquanto no último caso, é empregado para destacar uma qualidade positiva.

Assim como nos marcadores anteriores, notamos haver diferentes registros dessa unidade fraseológica, a saber, “da desgraça”, “da disgraça”, “da desgrama” e “da disgrama”. Mais adiante neste trabalho (seção 4.3.4), explicamos o motivo dessa diferença;

² Conforme registrado no Dicionário Aulete Digital. Disponível em: <https://aulete.com.br/diacho>. Acesso em: 25 jun. 2024.

4.1.5 Da gota

O próximo marcador de intensidade que iremos abordar é “da gota”.

Figura 5: Da gota.



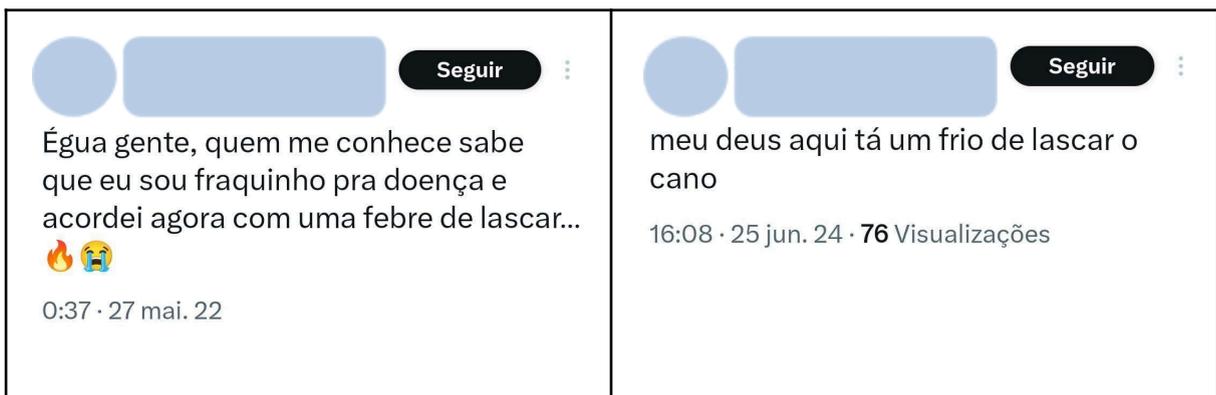
Fonte: <https://X.com> Acesso em: 26 jun. 2024.

Na postagem à esquerda, o marcador de intensidade “da gota” é usado para ressaltar quão lindo é um tênis. Neste primeiro caso, “da gota” tem uma conotação mais positiva. Por outro lado, na postagem à direita, o autor emprega a unidade fraseológica “da gota serena”, uma variação de “da gota”, para expressar que sente uma dor de dente imensa, o que indica que a expressão também pode ser usada para enfatizar algo negativo.

4.1.6 De lascar

A seguir, analisamos o marcador de intensidade “de lascar”.

Figura 6: De lascar



Fonte: <https://X.com> Acesso em: 25 jun. 2024

Na publicação à esquerda, “de lascar” é usado como intensificador do substantivo “febre”, indicando uma febre intensa. À direita, o marcador de intensidade “de lascar o cano”, uma variação de “de lascar” é utilizado para expressar o quão frio estava o ambiente. Em ambos os casos, há uma conotação negativa para essa unidade fraseológica.

4.1.7 Da miséria

O próximo marcador de intensidade analisado é “da miséria”.

Figura 7: Da miséria.



Fonte: <https://X.com> Acesso em: 25 jun. 2024.

Na primeira postagem, o marcador de intensidade “da miséria” é usado para se referir a determinadas pessoas que são muito fofoqueiras. Na segunda, o autor expressa sua insatisfação com o calor do sol por meio da unidade fraseológica “da misera”, usada para indicar que a temperatura do sol estava muito elevada. Na última postagem, à direita, através da locução adverbial “da mizera”, o usuário da rede social X utiliza o intensificador para expressar o quanto o moletom do Fanático – torcida organizada do time de futebol de Recife, PE, Náutico – é bonito. Nos dois primeiros exemplos, a unidade fraseológica e sua variação são utilizadas com uma conotação negativa. No último exemplo, a expressão é utilizada de maneira positiva.

Há, nesses exemplos, três variações do mesmo marcador. “Da miséria” segue a grafia da norma culta do português brasileiro, ao passo que “da misera” e “da mizera” são variações que se apoiam na linguagem oral.

4.1.8 Da moléstia

Agora, vamos analisar o marcador de intensidade “da moléstia”.

Figura 8: Da moléstia.

Fonte: <https://X.com> Acesso em: 25 jun. 2024

Na primeira postagem, o autor expressa que sente fome após andar de bicicleta – mencionado como “pedalar”. Utilizando a unidade fraseológica “da moléstia”, ele enfatiza que a fome é imensa. Na segunda, o marcador de intensidade “da mulestia” é utilizado pelo autor para enfatizar o tamanho da cabeça de determinada pessoa, que, segundo ele, é extremamente grande. No último exemplo, à direita, o usuário da rede X afirma que o Choco trio – produto da Nestlé – é muito bom. Neste caso, a expressão “da mulesta” é utilizada para enfatizar o quão bom é o produto. Nas duas primeiras postagens “da moléstia” e suas variações são usadas para um contexto negativo. Na terceira postagem “da mulesta” é utilizada como uma qualidade.

Nesses exemplos, o marcador de intensidade “da moléstia” segue a grafia da norma culta do português brasileiro; por sua vez, “da mulestia” e “da mulesta” são variações desse mesmo marcador que se baseiam na linguagem oral.

4.1.9 *Da peste*

A seguir, examinamos o marcador de intensidade “da peste”.

Figura 9: Da peste.

Fonte: <https://X.com> Acesso em: 25 jun. 2024

À esquerda, o marcador de intensidade “da peste” é utilizado para ressaltar quão boa é uma determinada música. Na postagem ao lado, o autor expressa sua opinião sobre uma mulher, a qual acredita ser muito feia. Neste último exemplo, a unidade fraseológica “da peste

bubônica” foi utilizada para enfatizar a feiura da mulher. No primeiro exemplo a expressão é utilizada de maneira positiva, enquanto no caso seguinte o marcador aponta para uma característica negativa.

4.1.10 *Da pleura*

Por último, examinaremos a unidade fraseológica “*da pleura*”

Figura 10: Da pleura.



Fonte: <https://X.com> Acesso em: 27 abr. 2024.

Na primeira postagem, a expressão “da pleura” é utilizada para enfatizar uma dor de cabeça intensa. Na postagem seguinte, o autor relata ter perdido sua chave, mas tê-la reencontrado depois. Assim, o marcador “da preola” é utilizado para destacar a sua sorte. Na terceira postagem, o autor usa o marcador “da preula” para enfatizar o quanto acha irritante a composição *Beautiful Girls*, do cantor norte-americano Sean Kingston. Na última postagem, o autor afirma estar se sentindo extremamente feliz. Neste caso, a unidade fraseológica “da piula” confere intensidade ao substantivo abstrato “felicidade”. Assim, notamos que “pleura” e suas variações podem ser utilizadas tanto de maneira positiva quanto de maneira negativa.

Quanto às suas formas, além da construção “da pleura”, que segue a norma padrão da língua portuguesa, há as variações “da preola”, “da preula” e também “da piula”.

4.2 Construção gramatical

Durante a análise dos marcadores de intensidade selecionados para este trabalho, notamos haver dois padrões distintos de construção gramatical, os quais descrevemos neste momento por meio das tabelas a seguir.

No primeiro padrão, notamos a seguinte sequência: substantivo abstrato + marcador de intensidade, conforme Tabela 1.

Tabela 1. Marcadores de intensidade – Padrão 1

SUBSTANTIVO ABSTRATO	MARCADOR DE INTENSIDADE
raiva	da bexiga (lisa)
dor (de cabeça)	do cão
calor	do diacho
solidão	da desgraça
dor (de dente)	da gota (serena)
frio	de lascar
cansaço	da miséria
fome	da moléstia
tristeza	da peste
felicidade	da pleura

Fonte: autoria própria

Por sua vez, o segundo padrão identificado é formado por outra sequência, a saber: substantivo concreto + adjetivo + marcador de intensidade (cf. Tabela 2).

Tabela 2. Marcadores de intensidade – Padrão 2

SUBSTANTIVO CONCRETO	ADJETIVO	MARCADOR DE INTENSIDADE
mulher	linda	da bexiga
matéria	chata	do cão
filme	ruim	do diacho
voz	boa	da desgraça
tênis	lindo	da gota
prova	difícil	de lascar
sol	quente	da miséria
cabeça	grande	da moléstia
música	boa	da peste
carro	caro	da pleura

Fonte: autoria própria

Ambos os padrões se repetem a despeito do marcador de intensidade utilizado e da conotação em seus diferentes usos, isto é, quer em tom positivo, quer negativo.

Quanto aos marcadores de intensidade em si, todos os selecionados para este trabalho são compostos pela sequência: (a) contração (preposição *de* + o/a) + substantivo, em que a contração varia de acordo com o gênero do substantivo, como em *da bexiga* e do *diacho*; (b) preposição *de* + verbo no infinitivo, como em *de lascar*.

Outro aspecto a se considerar é que, apesar de suas variações fonológicas (por exemplo, *da moléstia* / *muléstia* / *mulesta*; *da pleura* / *preula* / *piula*), todos os marcadores de intensidade analisados são formas fixas, não havendo variações de gênero ou de número.

4.3 Aspectos históricos

Nesta seção, nosso objetivo é fazer um resgate histórico das origens dos marcadores de intensidade analisados neste trabalho, procurando apresentar dados que, de alguma forma, possam explicar a etimologia dessas unidades fraseológicas. Para isso, realizamos uma pesquisa em jornais dos séculos XIX e XX disponíveis no acervo da Hemeroteca Digital Brasileira³, que integra a Biblioteca Nacional. Este acervo digital oferece uma coleção de periódicos históricos que nos permite observar as transformações dessas unidades fraseológicas ao longo do tempo. Assim, nossa análise busca não apenas analisar essas unidades fraseológicas, como também entender o contexto histórico que influenciou essas transformações.

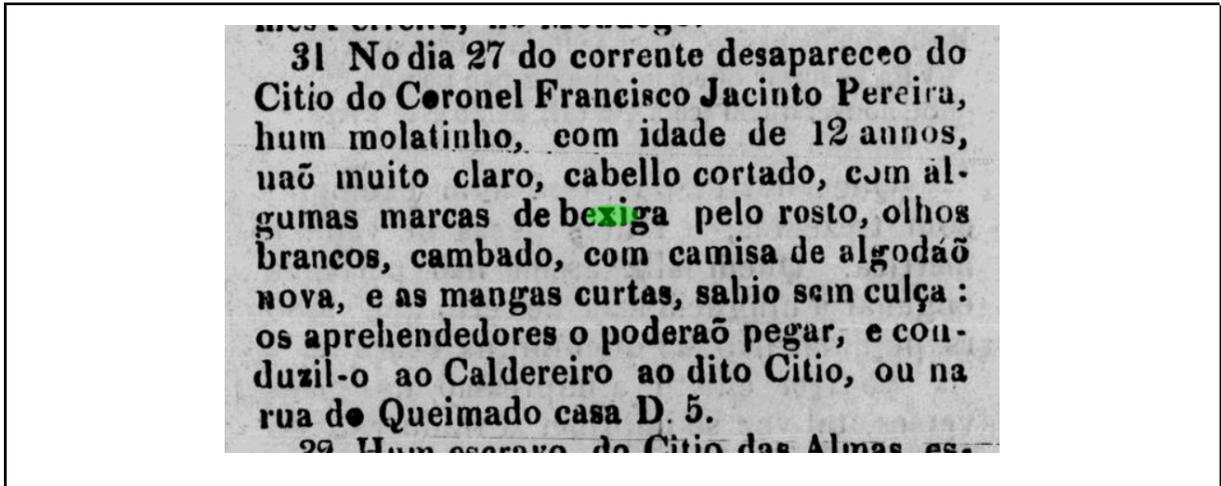
4.3.1 *Da bexiga*

A origem da unidade fraseológica "da bexiga" está ligada à varíola, doença encontrada no Brasil desde o primeiro século da colonização portuguesa. Altamente contagiosa, a varíola apresenta uma característica peculiar, a saber, a presença de erupções cutâneas que evoluem para bolhas purulentas – as vesículas, também popularmente chamadas de “bexigas”, palavra que deriva do latim *vasicae*. Em razão dessa manifestação física, a doença passou a ser conhecida como "doença das bexigas", atingindo com particular intensidade diversas áreas da região Nordeste do Brasil, onde causou a morte de milhares de pessoas

O excerto a seguir, extraído de um jornal do século XIX, reporta o desaparecimento de um garoto que, anteriormente, havia sido acometido por varíola.

³ Disponível para consulta em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em 29 abr. 2024.

Figura 11: bexiga



Fonte: *Diário de Pernambuco*, 31 jan. 1829, p. 100.

Por causa dos efeitos produzidos pela varíola (sofrimento por causa das vesículas, cicatrizes na pele, altos índices de letalidade), a unidade fraseológica “da bexiga” carregava, pelo menos inicialmente, uma conotação negativa.

4.3.2 Do cão

Para explicar a origem de “do cão”, precisamos explicar o contexto em que esse marcador de intensidade se insere.

Biderman (1998, p.81) explica que

o homem primitivo acredita que o nome não é arbitrário, mas existe um vínculo de essência entre o nome e a coisa ou objeto que ele designa. Assim sendo, não separa a palavra do referente que ela nomeia. Crê que se pode atuar magicamente sobre uma pessoa através de seu nome". (Biderman, 1998, p.81)

Nesse sentido, continua a autora, dizer o nome de algo ou de alguém seria equivalente a chamar (ou invocar) aquilo ou aquele, o que pode fazer com que a menção de certas referências se tornem tabus linguísticos. Isso pode ser notado no modo como "diabo" é popularmente referenciado no Brasil.

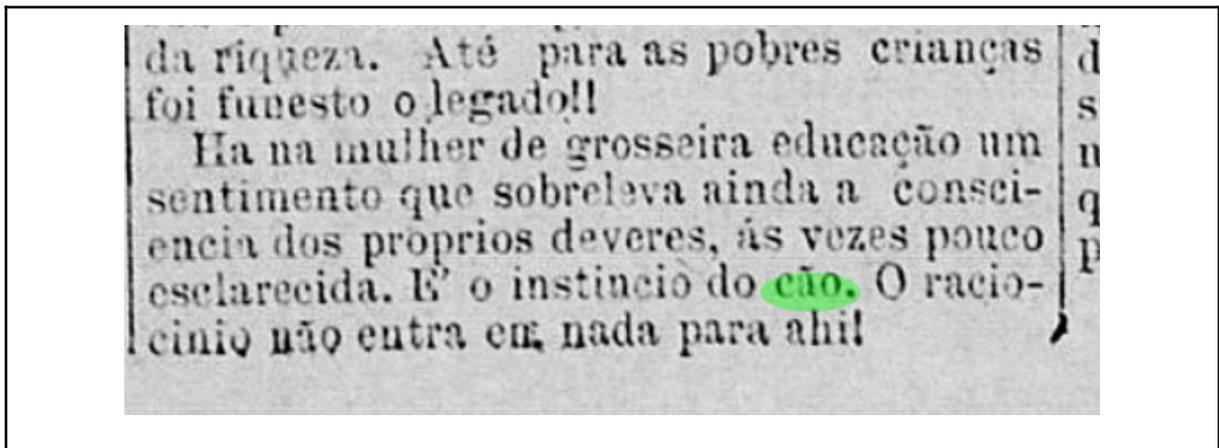
Em seu estudo sobre as diferentes denominações dadas para "diabo" nas capitais brasileiras, Costa (2016) constatou a existência desse tabus. A partir de outros trabalhos, a autora explica que "diabo" é referido de diferentes formas, a partir, por exemplo, de unidades lexicais "deformadas" (como, satã, dialho, demo e, como veremos mais adiante, diacho), de eufemismos (diabinho, diabrete), de disfemismos (bicho, coisa-ruim, maligno, anjo das trevas), entre muitas outras denominações. Entre os disfemismos, estão os itens lexicais cão e

suas variações (cão-tinhoso, cão-miúdo). Assim, cão é uma das formas de nomear o diabo.

Indo além dessas considerações, na Bíblia, livro-base para a fé cristã, cães são frequentemente utilizados de forma figurativa para descrever alguns tipos de pessoas. No Novo Testamento, há algumas referências que utilizam os cães como metáfora para descrever tais indivíduos. Por exemplo, na carta aos Filipenses, cap. 3, verso 2, Paulo instrui os fiéis da igreja em Filipos o seguinte: “Guardai-vos dos cães, guardai-vos dos maus obreiros, guardai-vos da circuncisão”. Por sua vez, no livro de Apocalipse, cap. 22, verso 15, é dito que: “Ficarão de fora [da nova Jerusalém, a cidade santa] os cães e os feiticeiros, e os que se prostituem, e os homicidas, e os idólatras; e qualquer que ama e comete a mentira.” Nesses dois casos, “cães” significa, respectivamente, “maus obreiros” e “pessoas indignas, impuras, que não entrarão no Céu”. Assim, além de diabo, cão também pode ser usado, de modo negativo, para se referir a alguém maldoso, impuro.

A seguir, observa-se um exemplo de uso de “cão”.

Figura 12: cão



Fonte: *O Guarany: Jornal Noticioso, Litterario e Commercial*, 27 jun. 1884, p. 1.

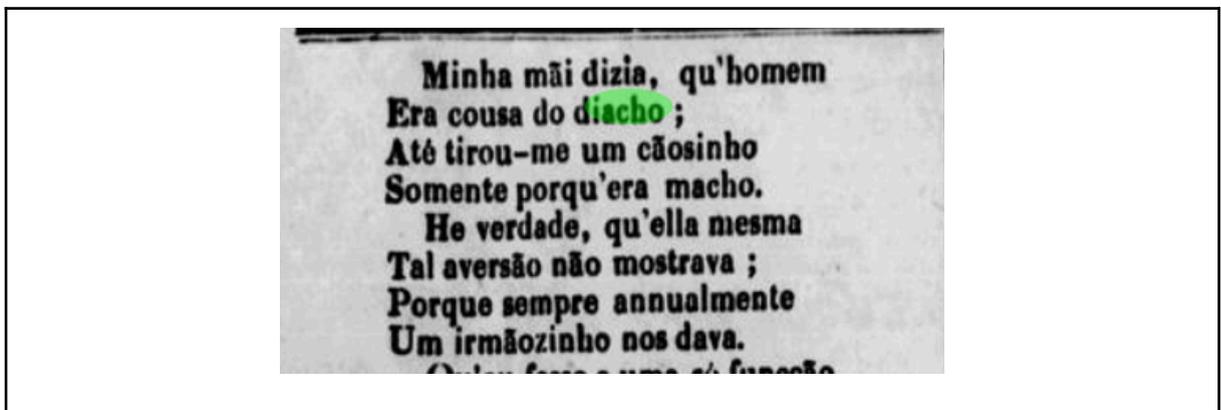
Nesse excerto de *O Guarany*, periódico publicado na cidade de Cachoeira, Bahia, encontramos “do cão” no folhetim “Onde esta’ a Infelicidade!”. Nela, esse marcador de intensidade é associado a um tipo de mulher: a de “grosseira educação”, em quem “o raciocínio não entra” e cujo “instincio [*instinto*]” seria similar ao do diabo (“do cão”). Ao afirmar isso, o autor faz uso de uma hipérbole para dizer que a mulher com pouca educação é alguém difícil de se lidar.

4.3.3 Do diacho

Conforme mencionado anteriormente (cf. 4.3.2), devido ao tabu em torno da palavra "diabo", temido por sua má sorte e seus maus intentos, usa-se, com frequência, a forma "diacho". Essa suavização permite às pessoas expressar frustração ou surpresa intensa sem invocar diretamente um nome associado ao mal. Contudo, em momentos de grande agitação ou de indignação, "diacho" também é empregado como uma forma de intensificar xingamentos

Reproduzimos a seguir um exemplo contextualizado do uso desse item lexical.

Figura 13: diacho



Fonte: *Diário de Pernambuco*, 17 jun. 1843, p. 2.

Nesse excerto, extraído da seção de variedades do periódico *Jornal de Pernambuco*, publicado em meados do século XIX, encontramos um trecho de um poema em cujos versos lemos "do diacho". Nesta passagem, o eu-lírico menciona que sua mãe acredita que homem (isto é, relacionar-se com um homem) é coisa "do diacho", usado para evitar a menção da palavra "diabo". Desse modo, tal referência aponta para algo com uma conotação negativa.

4.3.4 Da desgraça

No discurso religioso cristão, "graça" é entendida como a misericórdia e o favor de Deus que sustentam a vida humana e a relação dos indivíduos com Ele. Nesse sentido, "desgraça" diz respeito à condição de estar sem a graça de Deus, ou seja, em um estado de afastamento ou separação da bênção e do favor divinos, e, portanto, exposto às consequências do pecado, como sofrimento, dor ou condenação. Por extensão, "desgraçado" é alguém destituído da graça de Deus. A partir desse uso no discurso religioso cristão, "desgraça"

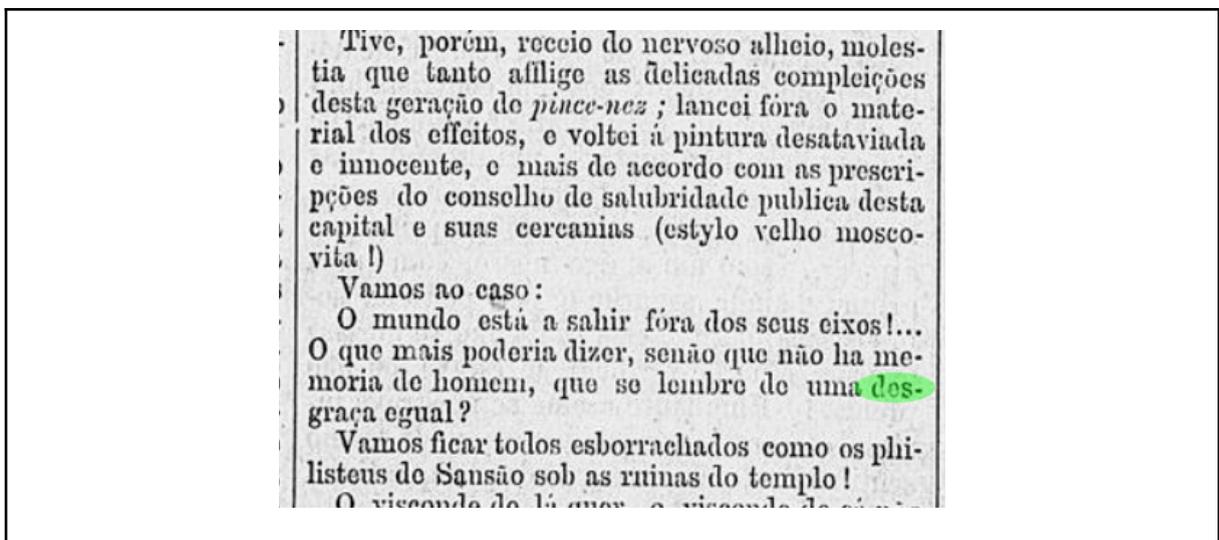
também é usado, de acordo com o dicionário Aulete Digital, como “(1) Má sorte; adversidade; infelicidade, infortúnio; (...); (2) Acontecimento funesto; tragédia; calamidade (...); (3) Fig. Miséria: *Perdeu tudo e caiu na desgraça.*”⁴

Dada sua conotação negativa – e pelo mesmo motivo que se diz “diacho” em vez de “diabo” –, há, no imaginário popular, a crença de que dizer “desgraça” pode acabar atraindo males para si (cf. Biderman, 1998). Por esse motivo, usa-se “desgrama” como um eufemismo para “desgraça”.

A partir dessas considerações, podemos supor que o uso dessa unidade fraseológica no dialeto nordestino pode ter se dado em razão dos males e das doenças que assolaram (e, em alguns locais, que ainda assolam) o Nordeste brasileiro. Nos séculos passados, a região enfrentou uma série de adversidades, incluindo epidemias, períodos de seca e de fome, que marcaram profundamente a vida das pessoas. Desse modo, “desgraça” parece funcionar como um reflexo do sofrimento e das dificuldades enfrentadas diariamente.

Na Figura 14, demonstramos o uso de “desgraça” em um excerto de jornal.

Figura 14: desgraça



Fonte: *A província: Orgão do Partido Liberal*, 20 set. 1872, p. 2 .

No periódico de 1827 do Jornal de Pernambuco, encontramos a palavra "desgraça" no folhetim intitulado “Cousas Serias”. Neste trecho, o narrador retrata o estado caótico em que o mundo se encontra, exclamando: "O mundo está fora dos seus eixos!". Ele expressa sua visão de que nunca houve uma época com tanta desgraça e infortúnios, ou seja, nunca antes o mundo havia passado por tantas dificuldades e crises como naquela época.

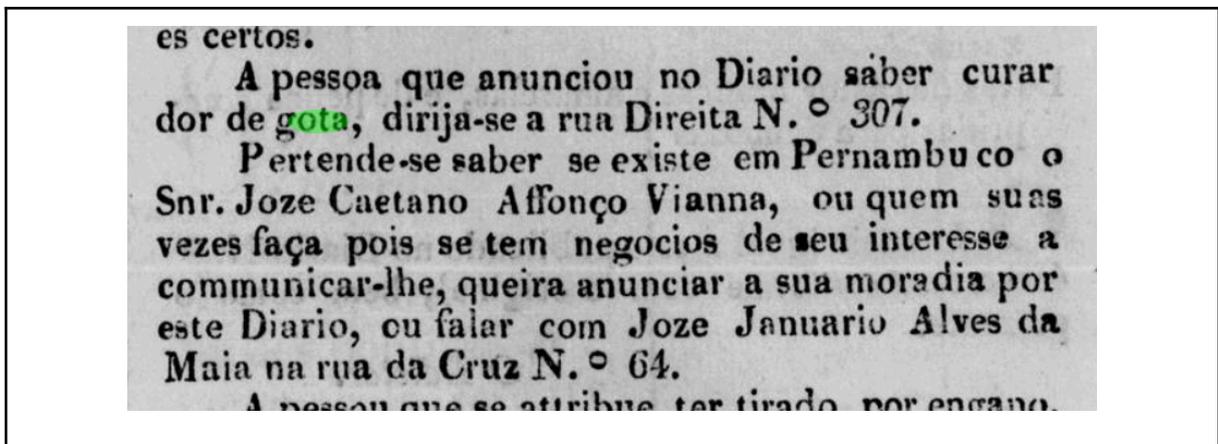
⁴ Disponível em: <https://aulete.com.br/desgraça>. Acesso em 15 set. 2024.

4.3.5 Da gota

A unidade fraseológica “da gota” refere-se à gota, doença caracterizada pelo excesso de ácido úrico no organismo (hiperuricemia), resultando em um inchaço doloroso nas articulações. Esse sintoma inicial é frequentemente acompanhado de uma dor intensa, agravada durante a noite, no “sereno”, o que justifica o uso do marcador de intensidade “da gota serena”.

Reproduzimos abaixo um trecho de um jornal com o uso de “gota”.

Figura 15: gota



Fonte: *Diário de Pernambuco*, 30 jul. 1830, p. 2083

Na seção Artigos Particulares, do período *Jornal de Pernambuco*, há um anúncio em que se solicita à pessoa que declarou “saber curar a dor de gota” que se dirija a uma determinada rua. Esse pedido reflete a desesperada busca por alívio para uma doença que afligia suas vítimas.

Assim, devido à intensidade da dor provocada por essa doença, “dor de gota” pode ter se tornado comum discurso popular cotidiano para descrever uma dor extremamente forte. Com o tempo, seu uso foi ampliado e “da gota” começou a ser empregado como um marcador de intensidade para enfatizar diversas situações de desconforto ou irritação.

4.3.6 De lascar

De acordo com o dicionário Aulete Digital⁵, o verbo “lascar” significa “tirar lasca(s) de (algo) ou partir(-se) em lascas”. Assim, diz-se que um objeto qualquer (prato, copo, xícara

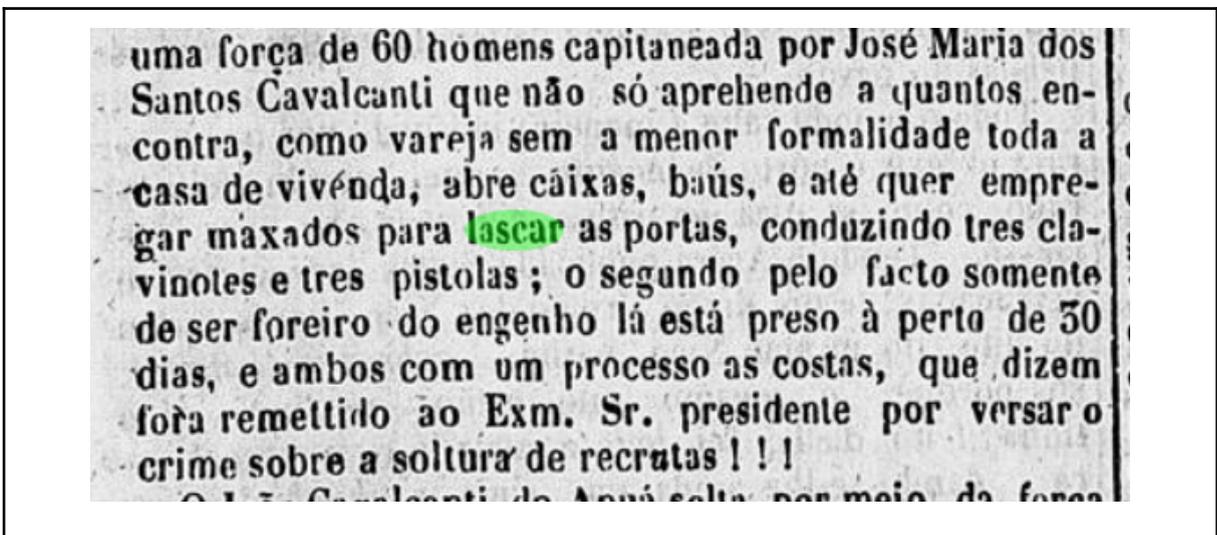
⁵ Disponível em: <https://aulete.com.br/lascar>. Acesso em: 15 set. 2024.

etc.) lascou. Por extensão, esse mesmo dicionário indica que, no português popular brasileiro, esse verbo pode ser usado como verbo reflexivo em referência a pessoas no sentido de “dar-se mal” (por exemplo, “Fez a prova sem estudar e se lascou.” ou “Acordei atrasado, perdi o ônibus e me lasquei no trabalho.”).

A partir desses usos, podemos sugerir, por inferência, que a origem do marcador de intensidade “de lascar” está ligado ao campo semântico do verbo lascar(-se), implicando tanto a perda de algo ou descrever situações em que algo ou alguém sofre um dano ou uma perda.

A seguir, apresentamos um uso desse verbo.

Figura 16: lascar



Fonte: *O Diário Novo*, 24 maio 1845, p. 2.

Em *O Diário Novo*, jornal que circulava em locais de Pernambuco, no século XIX, há um trecho que menciona o uso de “maxados para lascar as portas”, referindo-se ao ato de tirar um pedaço da porta. Nesse contexto, percebe-se que o verbo “lascar” é utilizado especificamente para se referir à ação de cortar ou quebrar materiais, como a madeira das portas, mas não ainda como um marcador de intensidade.

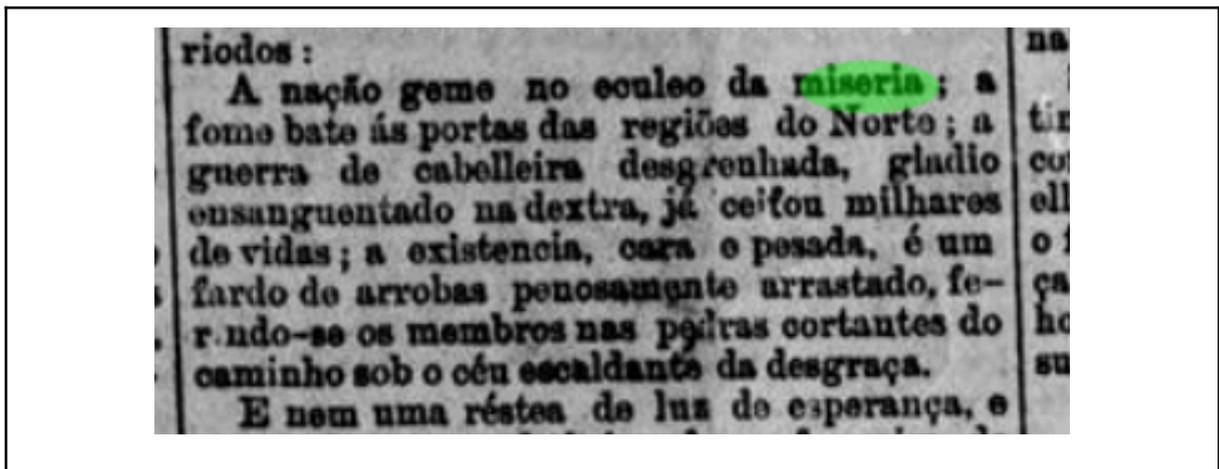
4.3.7 Da miséria

Entre outras definições, a palavra “miséria”, de acordo com o dicionário Aulete Digital⁶, significa estado de extrema pobreza e de desolação, e está relacionada ao sofrimento intenso, à desgraça. No Nordeste brasileiro, esta palavra se tornou um elemento comum na

⁶ Disponível em: <https://aulete.com.br/miséria>. Acesso em: 15 set. 2024.

vida cotidiana, refletindo a dura realidade enfrentada pela população pelo fato de, durante os séculos XIX e XX, a região ter sido marcada por adversidades diversas, como secas prolongadas, falta de recursos e desigualdade social. Isso fez com que a palavra “miséria” passasse a integrar o vocabulário cotidiano dessa população.

Figura 17: miséria



Fonte: *Pequeno Jornal*, 19 jul 1898, p. 1.

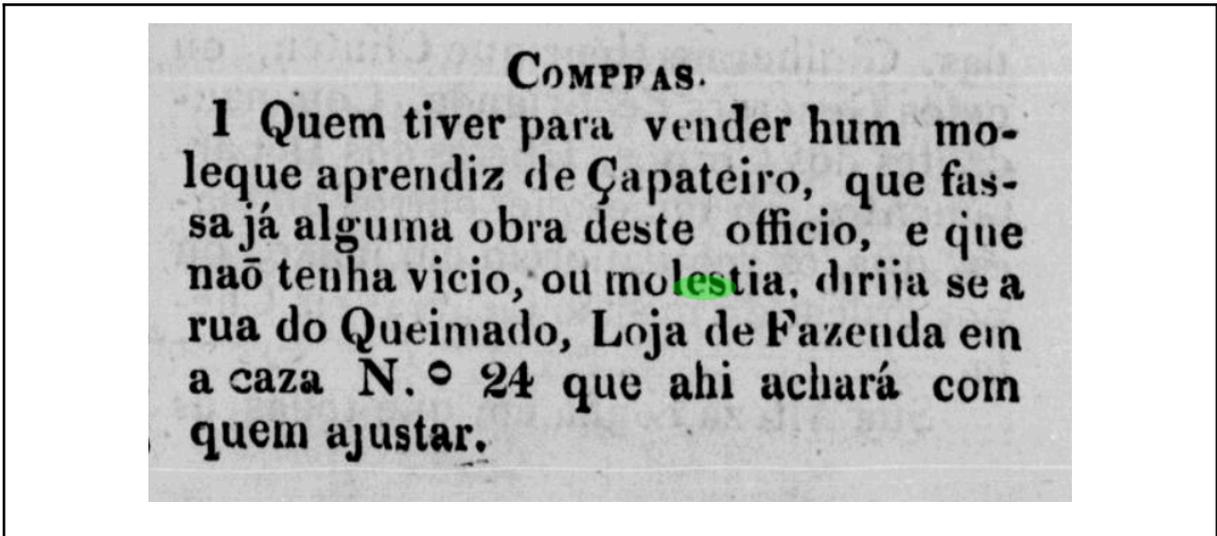
No periódico *Pequeno Jornal*, de grande circulação em Recife, Pernambuco, a palavra “miséria” é utilizada para destacar o sofrimento da nação. Isso é ressaltado nas próximas palavras, que mencionam a fome na região Norte e as guerras

4.3.8 Da moléstia

A palavra "moléstia" está atrelada a doenças e mazelas, sendo utilizada para descrever condições de saúde debilitantes e aflições graves. Como mencionado anteriormente, a região Nordeste do Brasil enfrentou intensas epidemias e diversas adversidades sanitárias nos séculos anteriores, como surtos de febre amarela, varíola, e outras doenças infecciosas que afligiram a população. Durante esse período, “moléstia” tornou-se um vocábulo comum no cotidiano das pessoas, refletindo a alta incidência dessas enfermidades.

Abaixo, reproduzimos o uso desse vocábulo em um jornal do século XIX.

Figura 18: moléstia



Fonte: *Diário de Pernambuco*, 23 mar. 1827, p. 256.

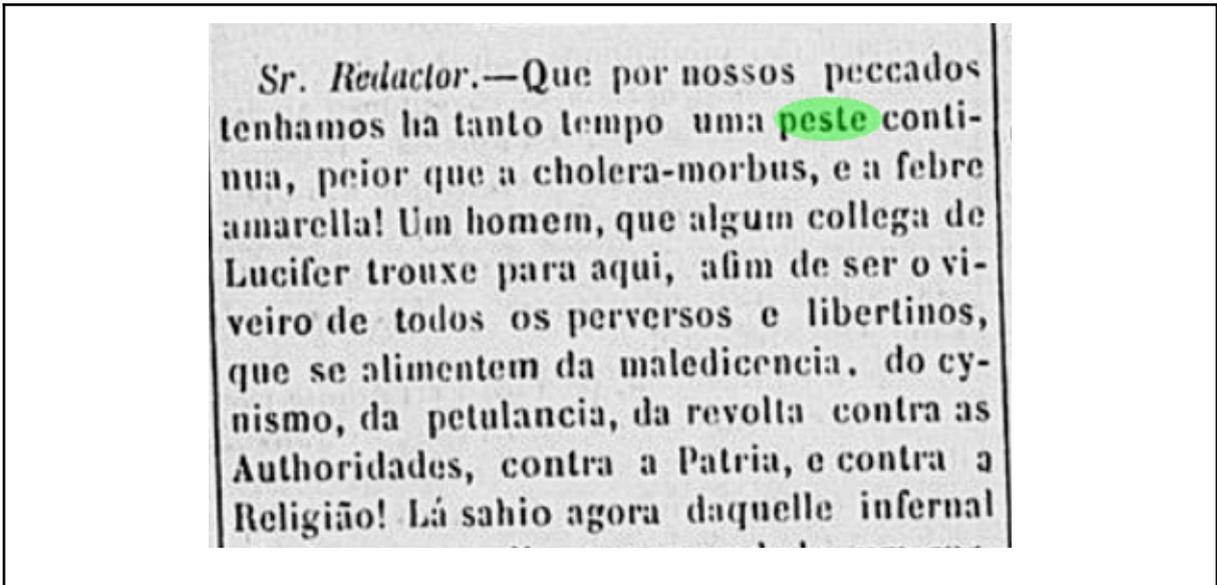
Na seção de compras dessa edição do *Jornal de Pernambuco*, há um anúncio de compra de “hum moleque”, possivelmente alguém em estado de escravidão. No anúncio, é especificado que a pessoa não deve possuir nenhum “vicio ou molestia”, ou seja, nenhuma doença que, eventualmente, venha a interferir em seu desempenho no trabalho.

4.3.9 Da peste

No marcador de intensidade “da peste”, o vocábulo “peste” está relacionado, de modo geral, a doenças epidêmicas graves e contagiosas. Uma delas, no contexto brasileiro, foi a peste negra, também conhecida como peste bubônica, grave infecção bacteriana transmitida por pulgas de ratos. Por uma associação com os males causados por pestes, “peste” também pode ser utilizado para enfatizar algo negativo, perigoso ou problemático, independentemente de estar relacionado a doenças. Nesse sentido, o marcador de intensidade “da peste” remete a esses sentidos de “peste”, ainda que, eventualmente, possa ser usado com conotação positiva.

A seguir, trazemos um exemplo de uso de “peste”, conforme publicado no jornal *A Nova Epocha*, do Maranhão.

Figura 19: peste



Fonte: *A Nova Epocha*, 18 ago. 1863, p. 4.

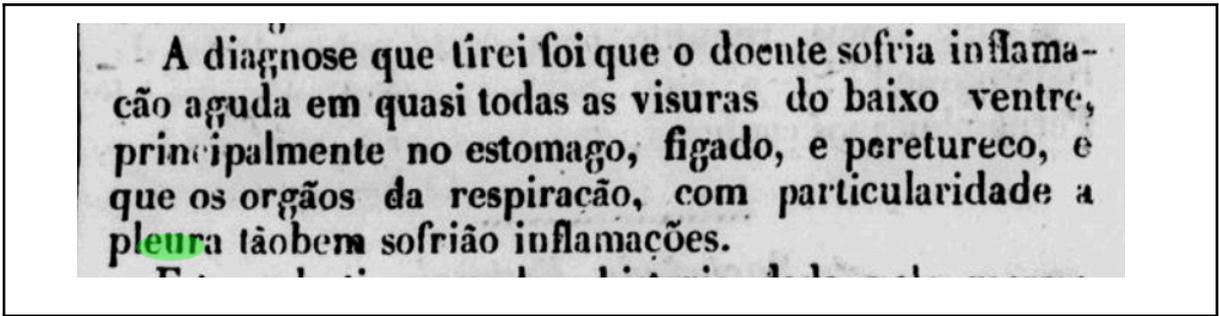
Nesse excerto, do jornal *A Nova Epocha*, há um pequeno texto do Redator (Redactor), no qual ele expressa sua opinião de que os pecados das pessoas seriam muito piores do que a peste da febre amarela e a cholera-morbus (gastroenterite aguda). A palavra “peste” é usada para se referir a essas doenças, reforçando a ideia de que “peste” não está necessariamente ligada à peste bubônica.

4.3.10 *Da pleura*

O marcador de intensidade “da pleura” pode estar associado à doença coccidioidomicose, uma infecção que ocorre principalmente em regiões sertanejas do Nordeste, causada por fungos quando se tem contato com o solo contaminado durante atividades laborais ou na caça a tatus. Entre os sintomas dessa doença estão tosse, febre, escarro purulento e dor na membrana que recobre os pulmões e a parte interna do tórax, a pleura.

Devido à dificuldade de se pronunciar completo da doença (coccidioidomicose), é possível que, ao longo do tempo, a denominação tenha sido simplificada e popularizada entre as comunidades locais como “doença da pleura” ou como uma de suas variações (“da preula”, “da preola”, “da píula”).

Figura 20: pleura



Fonte: *Diário de Pernambuco*, 24 jul. 1833, p. 639.

No folhetim *Diário de Pernambuco*, há o diagnóstico, aparentemente de um médico, de alguém com inflamação aguda em não apenas em diversos órgãos, como na também na pleura.

5 CONCLUSÃO

A partir dos resultados obtidos, descritos na seção anterior, podemos chegar a algumas conclusões. Para direcionar esta discussão final, discutiremos os resultados a partir de três aspectos quanto ao uso dos marcadores de intensidade, a saber, os aspectos gramatical, discursivo e histórico.

Em primeiro lugar, quanto ao aspecto gramatical, observa-se que os marcadores de intensidade analisados apresentam semelhanças com os advérbios. Como mencionado anteriormente, os advérbios são palavras que intensificam um verbo, um adjetivo ou até mesmo outro advérbio. No entanto, diferentemente dos advérbios, os marcadores de intensidade possuem características próprias, conferindo ênfase exclusivamente a substantivos, destacando-os dentro da oração.

Identificamos que os marcadores de intensidade classificam-se como unidades fraseológicas, pois são compostos por formas fixas, sempre acompanhadas pela preposição "da", seguida por um substantivo. Essa estrutura fixa (preposição + substantivo) é o que os caracteriza como unidades fraseológicas. Por exemplo, o marcador "da pleura" sempre será usado com a preposição "da", pois, sem ela, o sentido fica incompleto. Isso pode ser observado no exemplo de "sono da pleura" *versus* "sono pleura". Nesse caso, nota-se que só há sentido completo nesse sintagma com a presença de "da".

Apesar de terem uma estrutura fixa (preposição + substantivo), foi possível identificar variações em alguns dos substantivos dos marcadores de intensidade, os quais apresentados na tabela (Tabela 3, mais abaixo).

Alguns desses marcadores apresentam mudanças na grafia em função de variações fonéticas. São os casos de “bexiga” (ou “bixiga”), “desgraça” (ou “disgraça”), “desgrama” (ou “disgrama”), “diacho”, “miséria” (ou “misera”, ou ainda “mizera”), “moléstia” (ou “mulestia” ou ainda “mulesta”).

Além desses casos, há casos de marcadores de intensidade em que ocorre adição de termos. São os casos de “da gota” (ou “da gota serena”), “de lascar” (ou “de lascar o cano”), “da peste” (ou “da peste bubônica”).

Tabela 3. Variações marcadores de intensidade

MARCADOR DE INTENSIDADE	VARIAÇÕES
da bexiga	da bixiga
da desgraça	da disgraça, da desgrama, da disgrama
do diacho	da diaxo
da gota	da gota serena
de lascar	de lascar o cano
da miséria	da misera, mizera
da moléstia	da mulestia, da mulesta
da peste	da peste bubônica
da pleura	da preula, da preola, da piula

Fonte: autoria própria

Quanto aos padrões de construção gramatical dos marcadores de intensidade, identificamos dois padrões distintos. O primeiro segue esta estrutura: substantivo abstrato + marcador de intensidade. Um exemplo disso pode ser observado em “agonia da bexiga”, em que "agonia", substantivo abstrato que denota um estado de aflição ou preocupação, recebe intensidade através da unidade fraseológica "da bexiga", ressignificando a expressão e sugerindo que a agonia é extremamente intensa.

O segundo padrão de marcador de intensidade é este: substantivo concreto + adjetivo + marcador de intensidade. Podemos observá-lo em: "forró bom da moléstia". Neste caso, "forró" é um substantivo concreto, "bom" é um adjetivo e "da moléstia" atua como o marcador de intensidade, atribuindo ao substantivo a ideia de que o forró em questão é excepcionalmente bom.

Em segundo lugar, quanto ao aspecto discursivo, constatamos que essas unidades fraseológicas podem expressar algo tanto positivo quanto negativo. Um mesmo marcador de intensidade pode transmitir ambas as conotações, enquanto outros são utilizados exclusivamente para denotar algo negativo. Por exemplo, na oração "Pressentimento ruim do

cão.", o marcador de intensidade é empregado de forma negativa, sugerindo que a sensação experimentada é extremamente ruim. De modo semelhante, em "cólica do cão", o marcador "do cão" também carrega uma conotação negativa, indicando que a cólica é intensa ou muito dolorosa. Assim, notamos que a unidade fraseológica "do cão" é usada apenas para intensificar aspectos negativos.

Por outro lado, em enunciados como "Casal bonito da gota serena.", o marcador é utilizado de maneira positiva, destacando a beleza do casal. No entanto, em "Bixa burra da gota", a mesma unidade fraseológica é empregada para enfatizar uma característica negativa. Isso demonstra que um mesmo marcador de intensidade, como "da gota", pode ser utilizado tanto para indicar algo positivo quanto negativo, dependendo do seu uso discursivo.

Por último, quanto ao aspecto histórico, a análise dos jornais da Hemeroteca Digital Brasileira revelou que os marcadores de intensidade analisados nesta pesquisa estão ligados a um entre três categorias distintas, a saber, (i) a males ou doenças; (ii) a questões religiosas, e (iii) a condições sociais. Além destes, criamos um quarto grupo ("outros") para designar um marcador de intensidade que não se enquadra nas categorias anteriores. Organizamos tais dados na tabela a seguir (Tabela 4).

Tabela 4. Aspecto Histórico – Grupos

MALES OU DOENÇAS	QUESTÕES RELIGIOSAS	CONDIÇÕES SOCIAIS	OUTROS
da bexiga	da desgraça		de lascar
da gota	do diacho	da miséria	
da moléstia	do cão		
da peste			
da pleura			

Fonte: autoria própria

Os marcadores "da bexiga", "da gota", "da moléstia", "da peste" e "da pleura" estão relacionados a males e doenças que afetaram, no passado, a população nordestina, caracterizando-os como marcadores ligados ao contexto da saúde.

Por sua vez, os marcadores "do cão", "do diacho" e "da desgraça" estão associadas a questões religiosas, principalmente dentro da tradição cristã, pois "cão" e "diacho" são referências ao diabo. O marcador "da desgraça" também possui conotação religiosa, uma vez que o termo "desgraça" se refere à perda da graça divina, ou seja, estar à mercê do diabo.

Já os marcadores "da miséria" e "da desgraça" estão relacionados a condições sociais, refletindo as dificuldades enfrentadas pela população nos séculos XIX e XX, especialmente em decorrência de doenças e pobreza. Vale notar que "da desgraça" aparece tanto no grupo de questões religiosas quanto no de condições sociais, pois o termo pode remeter a ambos os contextos.

Por fim, o marcador "de lascar", por não se encaixar especificamente em nenhum dos grupos citados, foi classificado como "outros". Apesar de estar em uma categoria à parte, "de lascar" também tem uma relação com algo ruim, assim observado na origem dos marcadores de intensidade das outras categorias.

Para concluir, ressaltamos que, por meio desta pesquisa, ao analisarmos as particularidades de alguns marcadores de intensidade, buscamos divulgar a diversidade e a riqueza linguística do dialeto nordestino. Nesse sentido, o estudo das formas de se expressar em diferentes partes do Brasil enriquece a maneira como enxergamos nosso próprio país, além de nos permitir compreender melhor nossas origens e a evolução da língua em diferentes contextos regionais. Esperamos, assim, que este estudo tenha contribuído, de alguma forma, para a preservação e a valorização desse dialeto como patrimônio linguístico, a fim de preservar a memória e a identidade de seus falantes e, de modo geral, dos falantes de língua portuguesa no contexto brasileiro como um todo.

Por fim, ressaltamos que, embora este trabalho traga contribuições importantes para o estudo do dialeto nordestino, ele não esgota o tema. É necessário que novas pesquisas sejam realizadas e, para tanto, esperamos que esta pesquisa sirva de base para futuros estudos.

REFERÊNCIAS

- BEVILACQUA, Cleci Regina. Fraseologia: perspectiva da língua comum e da língua especializada. *Revista Língua e Literatura*. v.7, n.11, p.73-86, 2005.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Dimensões da palavra. *Filologia e Lingüística Portuguesa*, n. 2, p. 81-118, 1998.
- COSTA, Geisa Borges da. *Denominações para “diabo” nas capitais brasileiras: um estudo geossociolinguístico com base no Atlas Linguístico do Brasil*. 2016. 203f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística). Instituto de Letras (ILUFBA). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.
- LIMA, Joana Angélica S. As unidades fraseológicas em Salvador. *Revista Philologus*. v.21, n.63. Anais da X Jornada Nacional de Linguística e Filologia da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2015. p. 636-648
- MARROQUIM, Mário. *A língua do Nordeste: Alagoas e Pernambuco*. Vol. XXV. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945.
- MENDES, Marília Pereira. *O componente fraseológico no jornal Super Notícia a partir da perspectiva variacionista*. 2015. 184f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras da UFMG, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.
- SILVA, Moisés Batista da. Uma palavra só não basta: um estudo teórico sobre as unidades fraseológicas. *Revista de Letras*. v.1, n.28, p.11-20, 2006.